

EDITORIAL

Seja bem-vindo, leitor, a mais uma edição da revista Último Andar. Esse número conta com uma belíssima resenha de Paulo Nogueira sobre o livro *Autobiografia de um iogue*, de Paramahansa Yogananda, que traz elementos da história de vida de um homem nascido em fins do século XIX, que se apoiou na yoga como representante da profundidade de sua busca espiritual e filosófica. Estabelecendo uma ponte entre os universos religiosos e culturais do ocidente e oriente, Yogananda relata suas experiências de modo intenso e como afirma Paulo: “a atitude de Yogananda, em muitos momentos, se equipara à atitude de um cientista da religião, o que confere à sua *Autobiografia* uma rica fonte de pesquisa àqueles que se interessam pelo fenômeno religioso”.

A entrevista deste número visita a originalidade do importante cientista da religião brasileiro, referência em cultura e religiosidade de origem africana: Reginaldo Prandi. Trazendo elementos de sua própria trajetória pessoal e profissional, Prandi ressalta a importância de estudar as religiões afro no campo da educação, afirmando que muitos de seus livros já foram adotados em escolas e incluídos em programas governamentais. O cientista aborda elementos específicos da religiosidade afro, como o conceito de Exu, algumas diferenças entre Umbanda e Candomblé e entre os mitos e práticas africanas e as ressignificações que a história deu conta de atualizar aqui no Brasil. Finaliza, apontando as tendências que vislumbra para o cenário das Ciências da Religião no Brasil. Imperdível!

Os seis artigos desta edição referem-se, como sempre, a temas variados. Emerson Melo, da área de Geografia da Religião (PUC/SP), em seu artigo: *Dos terreiros de Candomblé à natureza afro-religiosa*, procura elucidar as relações que a religiosidade afro estabelece com o meio natural em que atua. Os orixás seriam compreendidos como forças presentes na natureza, e embora sua forma seja sobrenatural, sua manifestação ocorre em lugares geograficamente atrelados a valores e representações simbólicas. Sua própria simbologia

está, quase sempre, ligada à natureza, como por exemplo: Xangô e as tempestades, Oxum e as águas de cachoeira.

Em *Reflexões sobre o processo de individuação de Jó*, Reginaldo de Abreu Araujo da Silva parte de referenciais da Psicologia Junguiana, procurando verificar, através de passagens bíblicas, o processo de conscientização de Jó acerca de sua responsabilidade em torno de seu sofrimento. Inicialmente, Jó reconhece-se apenas como inocente e sofredor, e à medida em que vai assumindo sua sombra, o personagem percebe quão identificado com o papel de vítima estava e, através de muita humildade e dor, vai fortalecendo o si-mesmo, também chamado de self, a parte integradora da psique e vivenciando as etapas do processo de individuação.

Fabio Py Murta de Almeida também disserta sobre passagens bíblicas em *A resposta: uma aproximação exegética do início de Zacarias*. Reconstruindo o mosaico dessas passagens, o autor mostra como ocorriam as discussões legais no interior do Templo de Jerusalém, e apresenta as diversas religiosidades que impregnavam Judá e que tanto preocupavam os sacerdotes judeus.

A análise exegética dá lugar a outro tipo de literatura em Resistência para viver: as estratégias da condição humana a partir de Vidas Secas, em seus horizontes de transcendência, de Hermide Menquine Braga. Elementos como a peculiaridade das metáforas e símbolos utilizados na comunicação entre os membros da família dos personagens Fabiano e Sinhá Vitória são analisados do ponto de vista da linguagem e comunicação humanas, identificando nestas, o papel do transcendente e da mística, traduzindo a resistência de vida de um povo que enfrenta diversas restrições sociais.

Teresinha Matos traz em *Caseiras pentecostais: mulheres felizes* o discurso de mulheres residentes na cidade de Vargem Grande Paulista, analisando o trânsito religioso destas da Igreja Católica para o Pentecostalismo. Seus relatos afirmam que passaram a ser “mulheres felizes” a partir da adesão à religião pentecostal, e que não mais enfrentam uma série de problemas que antes, quando católicas, as rondavam.

Finalizando este número, Cristiane Moreira Cobra, da UNITAU, utiliza os referenciais da teoria da escolha racional, de Rodney Stark, a fim de analisar o templo Hare Krishna de Nova Gokula, em Pindamonhagaba, interior de São Paulo. Seu artigo: *Nova Gokula: uma escolha racional para os devotos de Krishna no Brasil* coloca Nova Gokula como um grupo religioso fechado, e sua filosofia espiritual Hare Krishna como uma seita religiosa, afirmando que a relação de custo-benefício da escolha da adesão ao grupo não se mostra compensadora, sob os parâmetros da teoria de Stark.

Agradecemos a você por essa visita e desejamos uma ótima leitura.

Comitê Editorial